

Transformar o rio Madeira no "maior e mais rico" garimpo de ouro do Brasil, algo capaz de fazer Serra Pelada parecer coisa de principiantes, é agora bem mais do que um sonho longamente acalentado por Djalma Lacerda, o pernambucano que preside a Companhia de Mineração de Rondônia com uma garra e uma determinação de causar inveja a muitos dos 15 mil garimpeiros que jogam o futuro na cata do ouro rondoniense.



O grande contingente humano diretamente envolvido nessa atividade no Estado já dá uma boa idéia do potencial aurífero de Rondônia, cuja produção declarada de ouro veio de apenas 177 quilos, em 1979, para cerca de quatro toneladas no corrente ano. Para tanto, aumentou de 12 para 600 o número de balsas mobilizadas pelos garimpeiros e de 10 para 100 a quantidade de dragas envolvidas no trabalho.

— Hoje, o ouro já injeta na economia estadual algo em torno de Cr\$ 100 bilhões por ano e, embora apenas 1% do valor da produção declarada reverta aos cofres públicos como imposto (70% ficam com o Estado, 20% vão para o município e 10% para a União), não se pode dizer que isso represente pouco para um erário do porte do nosso. Mas isso tudo é simplesmente a ponta de um gigantesco iceberg — garante Lacerda.

É que, há milênios, o rio Beni corre pela cordilheira dos Andes trazendo ouro para o Madeira juntamente com o Guaporé, o Mamoré e seus afluentes. Durante muito tempo, porém, só uma casquinha dessa imensa riqueza foi retirada das areias das margens por garimpeiros munidos apenas de uma bateia e de muita coragem. Só mais recentemente é que o garimpo passou a ser feito com o emprego de balsas e de dragas.

Essas balsas, porém, não passam de dois tubulões de ferro unidos por uma plataforma onde um motor diesel aciona a bomba que, através de um tubo cuja boca (a maraca) é levada a profundidades de até 20 metros por mergulhadores, aspira areia e cascalho do leito do rio. O outro, em pequenas partículas e raramente em pepitas, é colhido nesse material. Tudo isso de forma rudimentar, o que acarreta grande perda de ouro. E com tanto risco que, de janeiro a agosto, já havia morrido nos garimpos do Madeira nada menos de 16 mergulhadores.

Meia força

Além disso, a garimpagem dessa forma só pode ser feita durante cerca de metade do ano, quando as águas do Madeira estão baixas. Quando elas sobem com as chuvas e o degelo nos Andes, a profundidade aumenta e, juntamente com a força maior da correnteza, inviabiliza a operação. Os trabalhos continuam apenas com as pequenas dragas, que dispõem mergulhadores para trazer areia e cascalho do fundo do rio para a superfície. Mas a extração do ouro existente nesse material continua rudimentar.

Mesmo assim, garimpar ouro no Madeira continua sendo um excelente negócio, como prova o crescimento acelerado do número de pessoas e de equipamentos empregados na atividade. Além disso, as estatísticas da CMR mostram que a produção média por balsa é de seis quilos de ouro/ano e, com o preço do ouro a mais de Cr\$ 20 milhões o quilo, 40% da receita já cobrem os custos operacionais e a amortização do equipamento, que anda em torno de Cr\$ 25 milhões.

Produção mecanizada agora pode aumentar

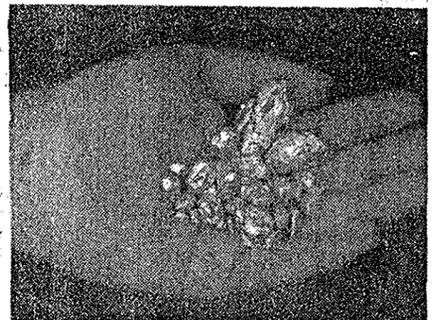
— Mas só agora é que o ouro do Madeira vai realmente aparecer — assegura Alencar ao falar do seu projeto de garimpo mecanizado, que já começa a ganhar contornos de realidade. O projeto consiste na extração do ouro com o emprego de dragas de grande porte e de tecnologia de extração de ouro mais sofisticada. Para se ter uma idéia do peso do empreendimento, considere-se que cada uma dessas dragas com seus equipamentos completos custa algo em torno de 10 milhões de dólares.

Sócios privados

A CRM, que conta este ano com apenas Cr\$ 1 bilhão 500 milhões para cobrir seus custos e investimentos, encontrou na associação com empresas privadas o meio de ampliar seu poder de fogo. E encontrá-las até que não tem sido difícil, pois quase todas as grandes empresas de construção têm interesses em Rondônia e elas geralmente acusam ociosidade de equipamentos adaptáveis à atividade no garimpo mecanizado.

É este, precisamente, o caso da construtora CR Almeida, que está associada à CRM num projeto de exploração de cassiterita em Ariquemes e num garimpo mecanizado no Madeira. Como já dispunha de uma grande draga, adaptou-a para a extração de ouro e está entrando com ela como parte maior da sua participação no empreendimento. A CRM entra basicamente com tecnologia e pessoal. No mesmo esquema, já está em negociação com a CCO e com a Sauer, fabricante de equipamentos de mineração.

Alencar garante que o investimento num garimpo mecanizado no Madeira se paga em 18 meses, uma performance excepcional para qualquer negócio. É que a operação se viabiliza com 200 miligramas de ouro por metro cúbico de material trabalhado e a incidência comprovadamente existente no Madeira é de 380 miligramas, o que permite a cada draga realizar uma produção anual de 1 mil 300 quilos de ouro (mais de Cr\$ 26 bilhões a preços de hoje). Com a vantagem adicional de que o ouro de aluvião do Madeira tem um índice de impurezas de apenas 3%, contra 15 a 17% de impurezas existentes no ouro de Serra Pelada.



Produção de ouro chega a 4 toneladas



Embora só trabalhem pouco mais da metade do ano, as balsas respondem pela maior parte da produção de ouro do Estado

Estado produz 70% do estanho nacional

Setenta por cento do estanho produzido no Brasil usam como matéria-prima a cassiterita rondoniense, cuja produção vem crescendo 5% ao ano e chegou a 12 mil toneladas em 1983. E, como a cassiterita rondoniense e o ouro representam 55% de estanho, que custa cerca de Cr\$ 25 mil o quilo, a atividade rendeu ao Estado no ano passado nada menos de Cr\$ 3 bilhões 300 milhões, valor que a coloca como segunda maior fonte de receita do erário estadual.

Mas a mineração de cassiterita tem um peso muito maior na economia de Rondônia do que o simplesmente refletido pelo montante da sua participação na receita tributária. A atividade, afinal, proporciona nada menos de 9 mil empregos diretos, bem mais do que muitas indústrias de grande porte e cerca de um quarto dos empregos diretos gerados por um gigante como a Volkswagen brasileira.

Rondônia, porém, espera colher a médio e longo prazos muito mais da sua cassiterita, cuja mineração manual está proibida desde 1970 e cuja exploração vem sendo feita por apenas três grandes empresas: Brumadinho, Parapanema

e Brasan/British Petroleum, cada uma como aproximadamente um terço da produção, segundo informações fornecidas pela CMR.

Para colher da sua cassiterita esse "algo mais", Lacerda já começou a convocar outros empresários para explorar jazidas disponíveis. Elas não são poucas, pois das 1 mil 500 áreas cedidas para pesquisa nos anos setenta só parte está sendo trabalhada. O problema é que, das 120 empresas que as requisitaram, uns 90% pertencem de fato às três que hoje dominam a atividade no Estado e produzem todo o estanho brasileiro.

Paralelamente à lavra das jazidas inexploradas que não estão sob controle do grupo das três, Alencar vem lutando pela revogação parcial da portaria que proibiu o garimpo manual de cassiterita, de modo a que se volte a permitir essa atividade ao menos nas áreas onde o porte ou outras características da jazida não permitam a mecanização. Essa, aliás, seria uma forma de se dar ocupação à maior parte dos garimpeiros de ouro durante o tempo em que o Madeira não permite o garimpo manual.

Alencar também não se conforma com o fato de que a cassiterita rondoniense não ser beneficiada e transformada em estanho no próprio Estado. Mas ele próprio reconhece que chegar a tanto ainda demora um pouco, já que as indústrias do setor operam com ociosidade e tão cedo não precisarão ampliar a capacidade, caso em que poderiam ser induzidas de alguma forma a fazê-lo implantando unidades em Rondônia.

Mas os recursos minerais do Estado não se limitam ao ouro e à cassiterita. As ocorrências de outros minérios são muitas. De concreto, porém, o Estado, por intermédio da própria CRM, só está tirando proveito de uma jazida de calcário dolomítico, justamente aquela utilizada na correção de solos para fins agrícolas, um insumo que os agricultores locais vinham importando de outras regiões ou simplesmente deixando de utilizar por conta do alto custo do frete. Outra jazida de calcário (este calcítico) está sendo pesquisada para a produção do cimento que o Estado também importa.

Governo investe na proteção ecológica

No passado, viajando de helicóptero em visita a algumas áreas do Estado, o Governador Jorge Teixeira avistou do alto um indivíduo atirando bombas num pequeno rio, afluente do Guaporé, para matar peixes. O Governador fez o piloto descer em uma clareira e deu voz de prisão ao pescador. No mesmo dia, baixou decreto proibindo a pesca predatória em Rondônia, principalmente no vale do Guaporé.

Ao relembrar este caso, "que deu uma confusão danada na época", o Governador Jorge Teixeira assinala que esse é o espírito que reina hoje no Estado. Isto é: o desenvolvimento aliado a conservação e a proteção do meio-ambiente. A derrubada de matas, a caça e pesca predatórias estão banidas hoje de Rondônia.

Preocupação

O desmate de terras do Governo é uma grande preocupação do Governador Jorge Teixeira. Ele diz que o Estado, segundo o IBGE, tem ainda um pequeno índice, em torno de 3 a 4% ao ano, de desmatamento. "Estamos trabalhando junto com o IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e, ontem mesmo, mandei uma equipe completa verificar a denúncia de que uma empresa recém-instalada em Rondônia estava desmatando uma área que pertence ao Estado" — afirmou.

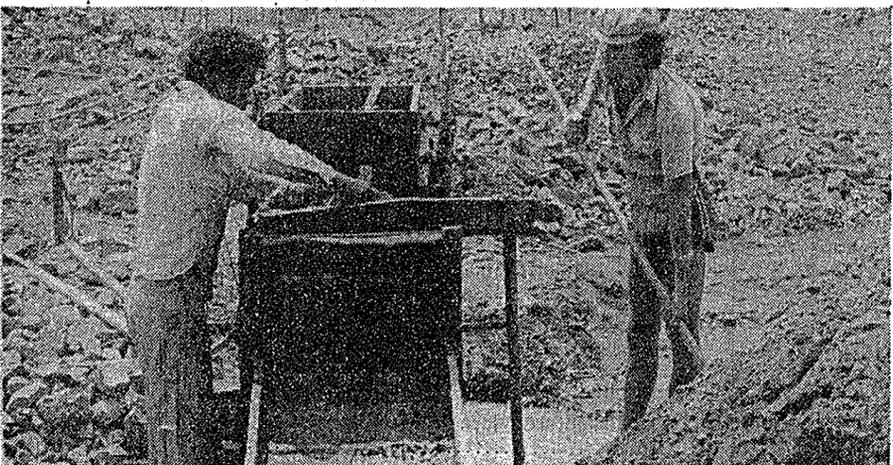
"Não queremos que aconteça com Rondônia o que aconteceu com o Rio Grande do Sul e o Paraná, assinala o Governador Jorge Teixeira. Disse que na área do Guaporé não está permitindo que ninguém ocupe as margens do rio. "O homem pode aproveitar o rio, mas não viver na beira do rio". Ele informou, ainda, que todos os projetos de colonização estão fora das margens dos rios, com o objetivo de preservar a sua vegetação protetora e evitar a poluição.

Polícia florestal

O Governo de Rondônia também mantém há anos um viveiro para reprodução de tartarugas, cujo objetivo é repovoar os rios da região. Neles, lançam-se a cada ano dezenas de milhares de tartaruginhas em idade de se alimentarem sozinhas e de se defenderem de alguns predadores. Elas nascem de ovos recolhidos nas margens dos rios da região por equipes especializadas de funcionários do próprio Estado, que também se incumbem de impedir a coleta indiscriminada de ovos para consumo.

Agora, porém, a proteção da ecologia em Rondônia ganhará novo impulso com recursos da terceira fase do Plano Roroste. Já agora, por exemplo, estão sendo comprados dois helicópteros para a polícia florestal do Estado, que atuará por delegação do IBDF e também contará com quartéis em Ariquemes, Jaru e Costa Marques. Contará, ainda, com quatro veículos rodoviários e quatro barcos, dois deles de maior porte. Ao todo, serão investidos nesse campo 2 milhões 512 mil dólares do Banco Mundial.

FRANK RIBEIRO



Garimpo em terra também é difundido

Expansão acelerada do Beron reflete muita vitalidade

Ao implantar 14 agências em apenas 12 meses e ter encerrado os seus primeiros sete meses de operação com um saldo de aplicações de quase Cr\$ 12 bilhões e um volume de depósitos em torno de Cr\$ 4 bilhões 500 milhões, o Beron — Banco do Estado de Rondônia — é, hoje, um dos melhores símbolos da vitalidade econômica rondoniense. E, a julgar pelo ritmo do seu crescimento nos últimos meses, parece em condições de manter a performance.

Fundado em abril e aberto ao público desde inaguraçõ de junho do ano passado, quando inaugurou a agência pioneira de Costa Marques, o Beron encerrou 1983 com um capital de Cr\$ 1 bilhão 600 milhões. O resultado apurado em fins do primeiro semestre do corrente ano mostra, porém, um lucro operacional de Cr\$ 4 bilhões 800 milhões, como revela um exultante Paulo Saldanha, seu presidente e um dos poucos rondonienses no primeiro time do Governo local.

Medido em volume de depósitos, o desempenho atingido é ainda mais surpreendente, pois os Cr\$ 37 bilhões registrados em meados de agosto representam um incremento de 821% sobre o montante contabilizado no final do ano passado. "É quase metade desse crescimento foi conseguido em pouco mais de um mês, pois o de janeiro a junho situou-se em 488%", destaca Saldanha.

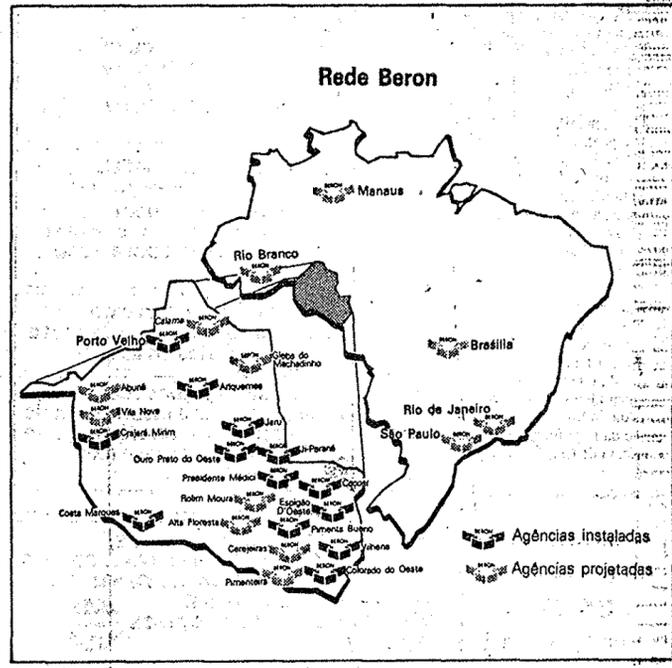
É claro que tanto brilhantismo não pode ser creditado exclusivamente ao excepcional desempenho da economia local. Até porque, embora estabeleça uma carência de seis meses para que os novos bancos passem a operar seus

programas, já em outubro de 1983 o Banco Central concedeu que o Beron passasse a fazer operações de repasse — mais de Cr\$ 8 bilhões só por conta do BNH e do Sistema Financeiro da Habitação em fins do ano passado.

Além disso, o Beron também foi logo autorizado a operar uma mesa de open e 70% do total de depósitos que registra são representados por recursos oficiais. Mas é inegável que o seu desempenho reflete também o apoio do empresariado e da população de Rondônia, já que os depósitos voluntários superam o montante registrado por outros bancos com mais de duas décadas de operação no Estado.

De fato, o que não falta a Saldanha são motivos de contentamento com o fruto do trabalho da equipe que comanda. Só agora em outubro, por exemplo, o Beron abre duas agências fora do Estado — Brasília e Rio. Os pedidos para instalação das agências de Manaus e São Paulo já foram encaminhados ao Banco Central e talvez saiam ainda este ano. O saldo líquido dos depósitos em sua carteira de poupança é de Cr\$ 3 bilhões.

Mas esse crescimento acelerado não quer dizer que o Beron esteja descuidando o bom senso, a cautela e a segurança nas suas aplicações. Antes pelo contrário, como mostram alguns resultados exibidos por Saldanha. O mais significativo deles talvez seja o total de perdas com operações de crédito rural. O total admissível dessas perdas é de 2% das aplicações, que significam, no caso, Cr\$ 76 milhões. No entanto, limitam-se até agora Cr\$ 1 milhão 790 mil.



Rede Beron

Agências instaladas
Agências projetadas